

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 176

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

ENTRE REPUBLICANOS

O nosso collega *Resistencia*, de Coimbra, que vem defendendo, ha tempos, a reorganisação do partido republicano, publica, n'esse sentido, um longo artigo, pedindo aos jornaes do partido a sua transcripção.

Não pertencemos a esse partido, como temos dicto. Além d'isso encaramos a questão sob um ponto de vista muito especial. Motivo porque nos abstemos da transcripção pedida, sem que isso importe a menor falta de cortezia ou de consideração pelo collega.

E dicto isto, passemos adiante. Applaudimos vivamente, dillo-hemos sempre, todos os trabalhos que se façam no sincero intuito de congregar e reorganisar as forças democraticas do paiz. Mas, conhecendo o partido republicano portuguez talvez melhor do que ninguém, reputamos todos esses trabalhos perdidos emquanto se não sahir dos processos e das formulas partidarias.

Completamente perdidos.

Não ha partido sem convicções, sem ideal definido, sem plano meditado e traçado, sem solidariedade pessoal e politica. E no partido republicano não ha solidariedade de qualidade nenhuma. Nos partidos monarchicos ha a solidariedade do interesse, que converteu esses partidos em verdadeiras quadrilhas. No partido republicano só podia haver a solidariedade da idéa. Mas quem tem idéas no partido republicano? Idéas assentes, idéas definidas, produzindo a convicção e, como resultado da convicção, o plano, o processo, o método, a vontade firme e inabalavel de converter as idéas em factos? Quem as tem? Doze homens, vinte homens?

Seria o muito. Mas nem esses existem.

Todavia, supponhamos que existem. Supponhamos que existem cem. Supponhamos que existem duzentos. Só ha uma fórmula pratica de levantar o republicanismo portuguez: é estabelecer a cohesão, é manter a solidariedade entre esses homens. Seis, que elles sejam, valem mais, unidos, solidarios, com idéas, plano e vontade firme de trabalhar, que toda a turbamulta das capellinhas e dos conventiculos.

Seis homens de superior merecimento, claro é, e com a força e auctoridade que derivam d'esse merecimento.

Ha seis homens n'essas condições? Ha cem? Ha duzentos? Não ha. Nem seis, quanto mais duzentos. Para isso requerem-se qualidades raras, muito raras entre a raça portugueza. E não porque está hação seja inferior ás outras. Mas porque não tem edu-

cação nenhuma. Não ha seis homens, sequer, n'essas condições. Mas ha-os? Ha duzentos? Li-guem-n'os, que é relativamente facil. Approximem-n'os. Vejam se é possivel um pacto entre elles. E se elles se entenderem, e se elles se resolverem a sahir a campo, resolutos e crentes, o partido republicano fica, desde logo, reorganizado e forte. Não o partido das *coterias*, que se limita a meia duzia de bisborrias, a final. Mas o grande partido republicano portuguez, que não cabe dentro das capellinhas e das egrejinhãs.

Esse applaudirá, esse seguirá aquelles que lhe apparecerem a combater dignamente, honestamente, desinteressadamente, audazmente, a convenção bestial, o preconceito estúpido, a derramar luz, a espalhar principios, a difundir idéas, a ensinar, a moralisar, a educar. E os intrigantes, os miseros intrigantes e insignificantes das capellinhas, não de ficar subjugados e amordaçados pelo prestigio que derivar d'essa nobilissima conducta.

Não apparecem esses homens, porque os não ha ou porque não querem apparecer? Então é inutil tratar de organisações partidarias. Ha-os, apparecem, mas submettem-nos a congressos, a commissões, a clubs? E' mais um desastre e mais uma desillusão.

Os clubs, as commissões, os congressos, teem conveniencias. Não se podem pôr de parte. Mas se lhes entregam nas mãos os destinos do partido, como teem feito, é naufragio certo, o decimo naufragio do republicanismo em Portugal.

Tão grande, ou peor do que o perigo dos conventiculos, é o perigo dos dilettantes, dos litteratos, dos palradores, dos enfiatados, dos *robustos talentos*. Combate-se a ignorancia, advoga-se a necessidade de instruir o povo, e um d'elles salta a dizer, como o sr. José Caldas fez no Norte, n'outro dia, *que não vale a pena instruir o povo*. Combate-se a reacção, fulminam-se os reaccionarios e um outro apparece em scena, como o sr. Affonso Costa, agora em Aveiro, de braço dado com os reaccionarios.

E assim por deante.

Os peores adversarios que os amigos da liberdade e da civilisação d'este paiz encontram pela frente não são os conservadores, os reaccionarios. São os republicanos. Com os reaccionarios ainda se lucha. Mas quando a batalha vae renhida, o combate mais acceso, é certo apparecer um ou outro *litterato* nas fileiras inimigas, um ou outro palrador, *robusto talento* consagrado, a impedir, a embaraçar, pelo menos, a derrota dos conservadores, ou empregando os argumentos que elles empregam, ou tomando, mesmo,

descaradamente, partido por elles. Isso é certo. Nunca um republicano combateu sinceramente em Portugal a reacção religiosa ou politica, nunca nenhum defendeu com alma os mais puros principios democraticos, nunca investiu com o preconceito ou com a falsa convenção, nunca quebrou lanças pelo levantamento intellectual e moral do paiz, nunca tentou destruir a sério o sophisma, que lhe não apparecesse outro republicanismo pela frente.

Isso é certo. Certissimo. Isso foi sempre assim. E quando apparece um d'esses figurões nas fileiras inimigas, ou a fazer o jogo do adversario fuzilando pelas costas, o que, sendo peor, é o que, aliás, quasi sempre acontece, só ha dois recursos para os amigos verdadeiros da democracia: ou fugir dos *robustos talentos*, recurso que, desgraçadamente, teem seguido quasi todos, e d'ahi as deploraveis abstenções e os tristissimos retralimentos que se estão vendo, ou dar-lhes para traz, e a aureola dos *robustos talentos*, aureola creada e mantida pela ignorancia do grande numero, sustenta-os e apoia-os contra todos os ataques.

Ignorancia desgraçada. Ignorancia que tem alimentado os peores trambolhos do republicanismo indigena. Ignorancia que tem concorrido para annullar todo o espirito de solidariedade, substituindo-o por um espirito de subserviencia revoltante. Todo o bacoco que sabe parolar, ou limar duas phrases, creou uma corte de admiradores. Deslumbrado pelas homilias dos vassallos, arvorou-se logo em magno pontifice. Pontifice indiscutivel. Não admitte que o discutam. E se o discutem, foge á discussão para proclamar soberanamente que se os principios republicanos são principios e valem alguma coisa a elle o devem, á grandeza do seu talento, ao prestigio do seu nome, á aureola da sua gloria.

Pataratas! A nós mettem-nos nojo. Mas não succede o mesmo a toda a gente.

Ora deante da ignorancia que cria e alimenta estes tortulhos, em face da intriga, do pedantismo, da especulação, da ausencia de solidariedade em que chafurda o partido republicano portuguez, o partido official, qual é o remedio? E' só um. Um só. Apparecerem seis, dez, vinte homens de talento, mas do talento que não está a limar phrases nem a estudar palavras no dictionario ou ao espelho, do talento sem artificios e sem pose, do talento que produz, e ligarem-se para uma acção de larga propaganda, de poderosa e funda educação, intransigentes com todas as especulações e com todos os especuladores.

E' o unico remedio. Se esses

homens tiverem abnegação para tamanha empreza, só elles, libertos da responsabilidade da direcção official do partido, pairando acima de todos os intrigantes e de todas as *coterias*, poderão levantar o nivel intellectual e moral do paiz. Só elles poderão educar. Só elles poderão trazer a esperanza, aquecendo a fé, alimentando a crença.

Não os ha? Ha-os, mas não querem? Então, meus amigos, deixem estar em paz o pobre partido, que mais vale te-lo a dormir do que te-lo acordado.

Se elle accorda, temos as vergonhas do costume.

E é caso para gritar:
Deus nos accuda!

O JULGAMENTO DOS 35

Foram julgados os homens e foram absolvidos.

Nós já o tinhamos dito!

E repetimos o que dissémos: a nós o devem!

Vá lá, vá lá, que se não fossemos nós talvez não fossem absolvidos. O odioso do juiz está sempre a render.

Foram absolvidos e não lhes queremos mal por isso. Na verdade, os homens não eram os mais criminosos. Os mais criminosos eram os que os aticaram. E esses biltorios ficaram á solta.

Foram absolvidos. Está bem. Mas não voltem cá.

Que comedia!

Quanto ao *doutor Affonso*, n'outra parte nos referimos a sua excellencia. E continuaremos. Sua excellencia fica por nossa conta. Ha de ficar bem servido, deixe estar.

Parece que sua excellencia ficou muito desgostoso por se mallograr a manifestação. Depois da attitude do *Povo de Aveiro* seria o diabo *dar muito na vista*. Sua excellencia recommendou prudencia. E tiveram os francecos de dar contra ordem ás suas tropas. Limitaram-se a *coisa pequena*. Mas a que estava preparada era grande.

Tambem sua excellencia, ao que nos consta, ficou admirado de nós dizermos que os homens ainda nos tinham engraxado as botas mais a nós do que a elle. Mas muito mais, muito mais, caro senhor. Fartaram-se de se curvar deante de nós. N'esse ponto são especialissimas as cartas do *Mijareta* e do *Chica*. As do *Chica* são de primeira ordem. Havemos de publica-las para sua excellencia vêr. São muito engraçadas por varios titulos e um d'elles por o *Chica* ficar cardado quando vinha cardar.

As jesuiticas do *Chica* mallograram-se todas. Elle encheu-nos de elogios na gazeta. Elle ren-

deu-nos, nas cartas, todos os seus preitos. E, afinal, levou dois pontapés no rabo.

E' n'isso que nós sômos diferentes, doutor Affonso. N'isso e em tudo.

Nós julgamos que não ha vergonha maior para um homem que deixar-se ludibriar por um torpe lisongeiro. Para que se arrastava o *Chica* deante de nós? Para se rir depois com os amigos. Queriamos conquistar com as suas blandicias. Precisavam de nós. E julgaram os imbecis que, a falta de outros meios para nos renderem, nos rendiam com lisonjas. E incensaram-nos por todas as fórmulas. Mas levaram dois pontapés no rabo. E' assim que se tratam os malandrins d'aquella ordem.

Não tem, pois, *doutor Affonso* que se admirar.

Não se admire. A explicação está n'isto, já lh'o dissémos: *cada um é como Deus o fez*.

E teremos muita occasião de conversar com o *doutor Affonso*, que foi a figura principal do *julgamento dos 35*.

O resto pouco nos importa.

O que é ser Integro...

Escrevem-nos d'Arouca dizendo que em toda aquella comarca as manifestações de regosijo popular pela transferencia do juiz de direito sr. dr. Mattos Viegas, são indscriptiveis.

O povo d'algumas freguezias mais desviadas da villa, não quer acreditar na veracidade da transferencia; diz que as noticias boas, isto é, as que alegram a alma, que interessam directamente ao povo, quasi nunca são verdadeiras, e por isso, que só crêem quando virem o juiz pelas costas.

Todos aqui deploram a sorte do honrado e laborioso povo da comarca do Fundão para onde foi transferido tão *integro* juiz!

Pelo que se vê era querido de todo aquelle povo.

Cá e lá...

Ora até que enfim vae ser caiada a frontaria do Theatro.

Até que enfim...

Sal

Está por vender unicamente em duas ou tres eiras.

O seu preço conserva-se por 40\$000 réis o wagon, com tendencia para alta.

Estão os aldeões habilitados a virem á cidade, quando lhes pareça, quebrarem impunemente as janellas e cabeças dos cidadãos.

Provou-se, quando elles ahí vieram apedrejar as janellas e perturbar a ordem publica, que não havia auctoridades em Aveiro, como agora se prova que tambem não ha *justiça*!

Vivemos no reinado da anarchia.

Venham, *senhores*, não se demorem; as janellas já teem vidros novos!

Dr. Affonso Costa

Não tencionavamos voltar a este assumpto. Mas como sabemos, de boa origem, que o sr. dr. Affonso Costa, o doutor Affonso, no termo familiar dos seus amigos d'Aveiro, está furioso com-nosco, não temos remedio senão dizer mais umas palavras.

Tenha sua excellencia paciencia. Sua excellencia mandou nos pedir o favor de não lhe enviarmos mais este periodico. Pois não! Esteja sua excellencia des-cangado. Não lh'o enviaremos mais. Se alguém lh'o enviar fica sabendo que não somos nós. Garantimos-lhe. Mas vamos apostar em como nem por isso sua excellencia, enquanto durarem estas censuras, deixa de o ler. Apostar? Mas feia ou não leia! Lêm os outros, e é quanto nos basta.

A nossa questão é simples, e é esta: o doutor Affonso não se pôde dizer republicano, para, á sombra d'essa etiqueta, prejudicar os principios democraticos. Não o ha de fazer sem o nosso protesto, protesto que temos lavrado contra todos nas mesmas condições. Se o doutor Affonso se declarar francaceo amanhã, o doutor Affonso não prejudica com isso a causa republicana. Mas prejudica-a, gravemente, dizendo-se republicano para attentar contra os principios democraticos.

Não o faz. Impunemente não o faz. Porque nós protestamos, quando não proteste mais ninguém. Protestamos contra todos, quanto mais contra sua excellencia, que, repetimos, encontrou na republica uma verdadeira mina d'ouro.

Sua excellencia diz que não, ou dizem-no por elle os seus amigos. Mas contra a verdade e contra a razão pouco vale o que diz sua excellencia e o que dizem os seus amigos.

N'um ignobil pasquim que esses amigos sustentam em Aveiro, pasquim vergonhoso, immundo, indecente, e imbecil ao mesmo tempo, dizem uns borbotas, que sua excellencia tem a desgraça de contar como amigos, que não foi o partido republicano que deu a aura ao sr. dr. Affonso Costa, elegendo o deputado pelo Porto, mas sim o sr. dr. Affonso Costa que deu lustre ao partido republicano com o seu brilhantissimo talento.

Qua eis outra pretensão, ou outro attentado, que é preciso castigar severamente. Vamos, que é tempo de acabar com basofias de tal ordem. Os principios não encontram lustre no talento de ninguém. Essa affirmacão só demonstra falta de juizo.

Nós não falamos aqui no partido republicano. Falamos em republica e em republicanos. E os principios republicanos não recebem lustre de ninguém, porque são elles que o dão aquelles que o servem. Depois de tantos attentados a esses principios, só faltava que varios senhores, que por elles teem subido e que com elles se teem engrandecido, viessem desdenhosamente affirmar que as suas pessoas só teem servido de aureola ás doutrinas democraticas. Só faltava isso! Mas tambem isso veio, para não faltar coisa nenhuma.

A tanta miseria chegou a democracia em Portugal!

O sr. dr. Affonso Costa teve na sua eleição pelo Porto um admiravel reclame. Não lhe queremos mal por isso. Já o dissémos e outra vez o dizemos. Mas se não perdoamos attentados aos principios democraticos n'aquelles que nada teem ganho com a democracia, muito menos os podemos perdoar nos que encontraram na causa republicana uma verdadeira fortuna. E n'este caso está o sr. dr. Affonso Costa.

E' sua excellencia republicano, ou não é? Não fuja-mos d'aqui. Se sua excellencia é republicano, sua excellencia não pôde nem deve fazer causa commum com os inimigos da democracia. Se o não é, declare-o francamente.

O sr. Affonso Costa veio a Aveiro tomar partido pelos reaccionarios e apostatas. O sr. Affonso Costa, o doutor Affonso, offende-nos mais uma vez os principios democraticos, que, aliás, ultimamente está offendendo a toda a hora. O sr. Affonso Costa, o doutor Affonso, veio a Aveiro fazer o jogo politico do chefe francaceo, do amigo do João Franco, de Jayme de Magalhães Lima, do homem que no n.º 19 do jornal a *Epoca*, papelucho que se publicou em Aveiro, chamava *ignorante e charlatão* a Victor Hugo; que no n.º 8 do mesmo papelucho, de 26 de março de 1885, condemnava a gloriosa e redemptora revolução franceza, a revolução liberal que acabou com as alçadas e as forcas, todas as revoluções, emfim, dizendo d'ellas que eram *não só estereis mas prejudiciaes, uma interrupção na evolução natural, uma solução de continuidade no progresso*; que no n.º 15 do mesmo papelucho troçava dos *direitos do povo*, escrevendo que era preciso ensinar aos *ilotas e aos párias a resignação, do mesmo modo que aos entrevados e aos rachiticos se lhes receita paciencia, e que acima de todas as contendas partidarias é preciso acorrentar a canalha e os vadios pela persuasão*.

Foi o jogo politico d'este homem, d'este revoltante conservador, d'este reaccionario feroz, que o republicano sr. Affonso Costa, o doutor Affonso, como familiarmente lhe chama o *Mijareta*, o seu intimo amigo *Mijareta*, veio fazer a Aveiro em nome dos *direitos do povo*!

O jogo d'esse homem, que, depois d'escrever tamanhas monstruosidades, foi para a camara dos deputados, onze annos depois, exclamar que a indigna dictadura de João Franco, a dictadura feita para esmagar os ultimos restos de liberdade que havia em Portugal, a indigna dictadura que deu em resultado uma reforma eleitoral que tinha o fim exclusivo de impedir que voltassem á camara deputados republicanos, a indigna dictadura, que produzia a corregedoria de Lisboa, era uma *revolução politica tão grande e profunda como aquellas que no nosso paiz se fizeram com as armas na mão*!

E' esse o homem cujo jogo politico o doutor Affonso, como diz o *Mijareta*, o republicano sr. Affonso Costa, veio a Aveiro apoiar e sustentar contra os que lutam lealmente e dedicadamente p-los principios democraticos.

E não havemos de falar!

E está o sr. Affonso Costa furioso contra nós!

Que nos importam as furias do sr. Affonso Costa?

Isto é um cumulo, verdadeiramente um cumulo!

O sr. Affonso Costa foi além de tudo quanto, á face dos principios, lhe era permitido.

Então ouça. Ouça a verdade e só a verdade. A verdade dura, mas serena. Não ha aqui declamações e injurias. Ouça a verdade e acalme os seus nervos. Que um homem publico tem obrigação de ouvir com serenidade e attenção.

O senhor veio a Aveiro servir a politica d'um reaccionario de tal laia, do reaccionario que, além de tudo quanto fica narrado, não sómente se negou a fazer parte da *Liga Liberal* creada em Aveiro depois do celebre incidente Calmon, como destacou para ella os seus amigos a fim de a matarem á nascença, como realmente succedeu.

E, não contente com isso, o senhor ainda se foi hospedar em casa d'um apostata, d'um renegado da causa republicana, affrontando assim, novamente, os principios democraticos, e aquelles que, desinteressadamente e tanzamente, os defendem em Aveiro.

Ouçam isto os republicanos de todo o paiz. Ouçam! Attendam! Foi essa a obra do sr. Affonso Costa em Aveiro. Não foi outra.

O sr. Affonso Costa não veio defender os aldeões amotinados, que elles não precisavam da sua defeza. Absolvidos estavam elles. Toda a gente o sabia antecipadamente. Tão desnecessaria era essa defeza que o primeiro a pedir a absolvição dos réos foi o agente do ministerio publico.

O sr. Affonso Costa veio fazer o jogo dos reaccionarios e dos apostatas contra os republicanos, que pela causa da liberdade lutam sem descanço, sem tréguas, sem desauimo. Unicamente! Exclusivamente!

O sr. Affonso Costa não veio aqui para outra coisa. Conscientemente? Inconscientemente? Nada diriamos a tal respeito, se o doutor Affonso, como diz o seu intimo amigo *Mijareta*, não avançasse as maiores heresias em pleno tribunal.

O doutor Affonso, illustre patrono do *Cabecinha* e do *Chica*, sustentou que era legitimo que os aldeões, constituídos em gre' por causa do augmento do imposto do piso, obrigassem a fechar todos os estabelecimentos da cidade. Todos, incluindo lojas d'alfayates, de sapateiros, pharmacias, etc. O doutor Affonso sustentou que não tinham o direito de resistir ás imposições dos grévistas aquelles que não quizessem fechar os estabelecimentos. O doutor Affonso sustentou que os grévistas appareceram de chapéo na mão, em boa paz, pedindo por favor, á porta da fabrica de moagens, e que só agrediram por serem agredidos, quando o doutor Affonso sabia muito bem que os aldeões tinham, momentos antes, apedrejado a loja do mercieiro Meyrelles, só por este não fechar a porta tão promptamente como elles desejavam. O doutor Affonso sustentou que os aldeões foram apedrejar as janellas da casa do presidente da camara e d'outro vereador pela excitação que lhes causou a aggressão da fabrica, quando o doutor Affonso sabia muito bem que antes dos aldeões apedrejamem a fabrica de moagens já tinham apedrejado a casa do mercieiro Meyrelles e espancado um pobre padeiro na rua do Rato. Isto é, o doutor Affonso não veio defender os accusados, porque, se os viesse defender, tinha muito por onde o fizesse, sem saber da verdade. O doutor Affonso veio propositamente, conscientemente, fazer o jogo dos reaccionarios e do apostatas contra os republicanos. O doutor Affonso seguiu, rigorosamente, o caminho traçado no orgão immundo dos francaceos pelo *Cabecinha* e pelo *Chica*. Nem teve a originalidade do ataque, apezar de todo o seu talento. Limitou-se a repetir o que o *Chica* e o *Cabecinha* vinham escrevendo ha um mez.

Não veio a Aveiro defender uns criminosos. Veio a Aveiro fazer o jogo politico d'uns reaccionarios e renegados da peor especie. E nem se limitou a fazer esse jogo sem atacar abertamente os que lutam pela causa liberal. Não. A sua audacia foi mais longe. Depois de tomar partido abertamente pelo grupo de Jayme de Magalhães Lima, o homem que atraz definimos, depois de se hospedar em casa d'um renegado, ainda investiu commosco desca-belladamente.

Providencias!!

Continuamos a pedir providencias ás autoridades contra semelhante exploração, e logo que o caso bem a pello, lembramos e recommendamos ás de Estarreja a celebre bruxa de Adães, a nossa comadre dos anjinhos. Essa megera, é uma das que mais freguezia tem por estes sitios.

Dizer que os camponios pediam com o chapéo na mão, humildemente, aos operarios da fabrica de moagens do sr. Manuel Christo, que fechasse as suas portas, é o mesmo que dizer que o José do Telhado e o Faca de Matto, pediam respectivamente a bolsa ou a vida aos inofensivos transeuntes.

Mostraram essa delicadeza pela forma como intimaram o sr. Albiúo Pinto de Miranda a fechar o seu estabelecimento, e finalmente como delicadamente partiram as vidraças ao sr. Meyrelles, a uma simples observação d'este.

Delicadamente tinham feito isto tudo antes de chegar á fabrica do sr. Christo; delicadamente foram depois partir as janellas do sr. Gustavo, que com elles tinha feito uma transigencia completa, baixando novamente o imposto do piso para 10 réis, e delicadamente acabaram por partir por ultimo as vidraças do vereador sr. Ignacio Marques da Cunha!

Humildes e delicados a valer!!! Leve os para casa, sr. dr. Affonso Costa!

Leve os para casa, sr. Francisco Antonio Pinto!

Roubo
A José da Rocha, tambem conhecido por José Bravo, e que mora proximo á nossa typographia, roubaram os lapios, d'uma gaveta, a quantia de 12\$000 réis, deixando ficar por *condescendencia* ao roubado, um corcão d'ouro que estava junto com aquella importancia.

A policia procede a averiguações.

Cambios
O cambio do Brazil sobre Londres está a 11 31 23.
Libra no Brazil: 20\$000 réis; em Portugal, 5\$630 réis.

Bruxas e Mesinheiras

Subordinado a este titulo, publicamos ha dias um artigo n'este jornal, não nos passando sequer pela ideia que em breves dias se confirmariam com factos, as nossas previsões ali apontadas.

Clara do Maio (a Modesta), é uma das tues virtuosas que aqui visamos e das que em mais larga escala exerce a profissão da nigromancia, das rezas e medicamentos. Mas não ficam por aqui as suas habilidades medicas; pois tambem faz *operações*, quando o caso reclama.

Estas *operações*, segundo constava, eram feitas com um comprido arame, com que a virtuosa rasgava os ovários das concebentes para abortarem.

Foi n'uma d'estas *operações* que a Clara do Maio se enrascou, pois que tendo praticado a tal *operação* n'uma mulhersinha da Murtesa e que tinha o marido ausente no Brazil, esta falleceu passados dias após a *operação*.

Na autopsia a que se procedeu por fallecimento da desventurada Maria Luiza Rodias, que assim se chamava a morta, foi-lhe encontrado no utero um pedaço de madeira. Naturalmente a virtuosa tinha substituido a ferramenta *operatoria*.

Em poder da fallecida foram encontradas numerosas cartas que compromettem altamente a virtuosa.

Por esse motivo, as autoridades d'Estarreja mandaram proceder aqui á sua captura, indo acompanhada por um policia para aquella localidade, onde foi recolhida á cadeia.

Consta-nos que a fallecida deixou ficar duas ou tres creanças na orphandade.

O marido deve chegar por estes dias do Brazil, e tambem nos consta que traz alguns meios de fortuna.

Continuamos a pedir providencias ás autoridades contra semelhante exploração, e logo que o caso bem a pello, lembramos e recommendamos ás de Estarreja a celebre bruxa de Adães, a nossa comadre dos anjinhos. Essa megera, é uma das que mais freguezia tem por estes sitios.

Providencias!!

Dizer que os camponios pediam com o chapéo na mão, humildemente, aos operarios da fabrica de moagens do sr. Manuel Christo, que fechasse as suas portas, é o mesmo que dizer que o José do Telhado e o Faca de Matto, pediam respectivamente a bolsa ou a vida aos inofensivos transeuntes.

Mostraram essa delicadeza pela forma como intimaram o sr. Albiúo Pinto de Miranda a fechar o seu estabelecimento, e finalmente como delicadamente partiram as vidraças ao sr. Meyrelles, a uma simples observação d'este.

Delicadamente tinham feito isto tudo antes de chegar á fabrica do sr. Christo; delicadamente foram depois partir as janellas do sr. Gustavo, que com elles tinha feito uma transigencia completa, baixando novamente o imposto do piso para 10 réis, e delicadamente acabaram por partir por ultimo as vidraças do vereador sr. Ignacio Marques da Cunha!

Humildes e delicados a valer!!! Leve os para casa, sr. dr. Affonso Costa!

Leve os para casa, sr. Francisco Antonio Pinto!

Roubo
A José da Rocha, tambem conhecido por José Bravo, e que mora proximo á nossa typographia, roubaram os lapios, d'uma gaveta, a quantia de 12\$000 réis, deixando ficar por *condescendencia* ao roubado, um corcão d'ouro que estava junto com aquella importancia.

A policia procede a averiguações.

Cambios
O cambio do Brazil sobre Londres está a 11 31 23.
Libra no Brazil: 20\$000 réis; em Portugal, 5\$630 réis.

Historia local

Não temos hoje vagar para conversar com o *compadre*. Fica para domingo. O *compadre* manda-nos dizer, pelo *Chica*, ao que parece, que o estatuario não achou mal que a estatua ficasse vultada para a Costeira e que depois d'elle vir é que a commissão resolveu a votos a questão.

O prazer que estes hisborrias teem de serem apanhados constantemente em mentira é o caso mais notavel d'estupidez que temos conhecido.

Ai *compadre*, que andas des-nortendo!

Conversaremos domingo.

Em toda a parte onde se administra boa justiça, mette-se na cadeia a testemunha perjura.

O juiz sr. Pinto tambem já o fez.

Porque se não praticou o mesmo com algumas testemunhas de accusação, reconhecidamente perjuras, no julgamento dos implicados nas selvagerias de 25 de julho?

A Voz da Patria

Recebemos a visita d'este novo diario lisbonense, de que são redactores os srs. drs. Quirino de Jesus e Manuel d'Azevedo Ennes. E' muito bem redigido e segue a politica nacionalista.

Agradecemos.

Philantropia

Para o cofre de socorros a socios da *Sociedade Recreio Artístico*, d'esta cidade, subscreveram a pedido da direcção da mesma Sociedade, os srs. dr. Manuel Homem de Mello, d'Agueda, com 15\$000 réis; Francisco Vieira da Costa (Louda), com 10\$000 réis; David Marques Vieira, de S. José de Ubá (Brazil), com 20\$000 réis e Manuel Maria Vieira, tambem residente em S. José de Ubá, com réis 20\$000.

São dignos de registo estes actos philantropicos, que enobrece quem os pratica e honra quem os recebe.

A direcção d'aquella Sociedade, tem empregado todos os meios ao seu alcance para a sua prosperidade, o que tem conseguido e no que é digna de elogio.

Em 25 de julho do corrente anno, aos ossos do dia, defronte da residencia do juiz sr. Francisco Antonio Pinto e por este presenciado, foram quebradas selvaticamente as janellas do cidadão Gustavo Ferreira Pinto Basto, mais acima as de Ignacio Marques da Cunha, e mais abaixo as de Francisco Antonio de Meyrelles e Manuel Homem Christo.

Pois o sr. Francisco Antonio Pinto absolveu esses homens por que estavam *innocentes*. Não quebraram janellas a ninguém, nem tão pouco hostilizaram pessoa alguma.

Escusava de cá vir o sr. dr. Affonso Costa defender os implicados n'essas selvagerias.

O sr. Pinto os absolveria, sem a sua presença, e sem as suas atrevidas censuras a homens que toda a cidade estima e respeita.

Os francaceos assim o desejavam e assim se havia de fazer.

Estava escripto. ***

MINERVA
N'esta typographia compra-se uma de pequeno formato, em segunda mão.
Escrever carta mencionando preço.

OS PHOSPHOROS

Levantam-se na imprensa do paiz, sérias e violentas campanhas contra coisas que, exprimidas, não deitam sumo algum, como vulgarmente se diz.

E ainda ninguem se lembrou de fazer uma campanha a sério contra o inqualificavel abuso de se venderem 10 ou 12 phosporos por 10 réis, quando a propria caixa diz comportar de 35 a 40.

Mas ainda se esses 10 ou 12 phosporos fossem em termos de se empregarem, vá que não vá. Mas a maioria d'elles não tem cabeça, e outros apenas tem uma pequena massa que se desfaz ao mais leve contacto com a caixa!

A companhia tem mostrado n'este assumpto a sua fina subtilidade, como de resto a tem mostrado em tudo onde entram financeiros da marca dos que á mesma pertencem.

Pois que servindo tão mal os que se fornecem das caixas de 10 réis, que são no geral os menos bafejados da sorte, servem perfeitamente os compradores das caixas de 20 réis, com bons phosporos e com numero exacto ao que annunciavam. Estas caixas são as utilizadas pelos grandes, por que a estes não lhe faz differença dispendir 10 réis a mais ou a menos, e portanto os que pediam com mais vantagem reclamar contra tal abuso. Mas se elles estão bem servidos... que lhe importam as desgraças dos outros.

Admira-nos como o commercio de uma pequena localidade, como é Anadia, se tenha reunido para reclamar contra semelhante especulação, e o seu exemplo não tenha sido seguido pelas demais associações commerciaes do paiz, que de direito deveriam ser os primeiros a reclamar.

O assumpto interessa a todos. Devem portanto as associações do paiz secundar o movimento dos negociantes d'Anadia, e a imprensa compete tambem desmascarar estas coisas e interessar-se pelo assumpto, em beneficio de todos e especialmente das classes pobres.

Acto humanitario — Um homem salvo da morte

Ha casos que não devem por forma alguma ficar no esquecimento e muito menos deixarem de pertencer ao dominio publico. O que vamos narrar é um d'elles, embora que succedido já ha dias.

Haverá uns quinze dias, que, n'uma pequena bateira, seguia pela ria da Costa Nova em direcção á Costa de S. Jacintho, onde é empregado nas companhias de pesca, Manuel José Verdade, casado, com filhos, e natural da Gafanha. Chegando que foi á ponte de madeira das portas d'agua, atracou a um dos lados, amarrou uma corda ao barrote da bateira, arremessou-a para cima da ponte e pediu a Antonio Piorro, tambem da Gafanha, e que com elle seguia na bateira, que a segurasse pela extremidade.

E' isto uma medida preventiva, usada por todos os pescadores que ali passam á vara, para que, as aguas na sua vasante, os não arrastem para a barra, com a impetuosidade da corrente.

Mas, ou por que a corda lhe escapasse das mãos, ou porque a violencia da corrente fosse superior ás suas forças, o caso é que o Piorro a largou das mãos, e a fragil bateirinha foi arrastada na corrente das aguas, n'uma carreira doida, ás voltas e reviravoltas em direcção á barra. Nesta occasião chegavam ao local, João dos Santos Martinho, arraes da companhia dos srs. Rocha & C., seus irmãos José e Manuel, dois sobrinhos ainda menores e todos empregados na mesma companhia.

João Martinho (caso para admiração), não sabe nadar, mas o mar parece-lhe fazer parte da familia, tão habituado anda com elle. Por isso, elle que vê o perigo que corre o seu indito camarada, não espera mais:

Salta immediatamente para a sua bateira, exemplo este que é seguido pelos irmãos e sobrinhos, e a um violento impulso d'aquelles robustos bra-

gos, afastam-se rapidamente de terra, seguindo a remos na esteira da fragil e desgovernada bateirinha, que attingia já as primeiras pancadas do mar, que então estava furioso. E assim, aquelles homens que desprezaram o perigo, arrancavam ao mar mais uma victima, fatalmente condemnada á morte se elles não prestes lhe não acodem.

Actos d'estes são dignos de registro e até de recompensa.

Os pategos da Oliveirinha mandaram uma mulher á estação com uma canastra de foguetes para serem queimados á despedida do sr. dr. Affonso Costa, mas no caminho encontrou-se com ella o tonsurado, esse bigorrilhas, para toda a obra, e disse-lhe:

— Nada, nada. Isso não pôde ser. Não convém que entre na manifestação esse elemento. Volte para traz.

Ainda assim foi crueldade que certamente os seus patricios lhe não perdoarão.

Era tão bonito ouvir-se estalar na estação os foguetinhos de nove respostas acompanhados com os vivós dos seus patricios!!!

Até o *Mijareta* era capaz de lagrimejar!!

O tonsurado pulha, o último canalha, em vez de lingua tens na bocca uma navalha.

Meu fadista de c'ra, apostolo de Alfama, Deviam pôr-te ao peito uma gran-cruz de lama.

GUERRA JUNQUEIRO.

Victimado pela ictericia, falleceu esta semana, n'esta cidade, o sr. Luiz Maria Teixeira, porteiro da secretaria do governo civil, logar para que, ainda ha pouco tinha sido promovido.

Era um homem ainda novo, honesto e trabalhador, motivo porque a sua morte foi bastante sentida.

Tambem falleceu n'esta semana passada, falleceu n'esta cidade, a sr. Maria da Luz Tanoeira, com taberna na Vera Cruz, é proprietaria, que foi, d'uma antiga e conhecida alquilaria no Côjo.

Era já de avançada idade. A todos os doridos ás nossas condolencias.

Tambem falleceu ante-hontem, pela 1 hora da tarde, o conhecido e popular pintor José Simão.

Era um homem honrado, e muito estimado por quantos o conheciam.

O seu enterro esteve muito concorrido por pessoas de todas as classes, pois que José Simão tinha amigos sinceros em toda a cidade.

A seu filho e genros, João Simão, Isaias de Albuquerque e José Augusto Rebello, os nossos sinceros peza-

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 deve executar hoje, da 1 ás 3 da tarde, no Jardim Publico, é o que segue:

- 1.ª PARTE
Laphontaine (ordinario).
Arabe (phantasia).
Cavallaria Rusticana (pot-pourri).
2.ª PARTE
Sobre o Tejo (phantasia).
Murmúrios do Liz.
Na volta do correio (ordinario).

Perrice

N'um dos dias d'esta semana, um rapaz d'esta cidade, desgostoso da vida e tomado de perrice por motivo d'ausencia da sua querida, pretendeu pôr termo á vida, delirando uma porção de phosphoros n'uma chavena, que pretendem ingerir.

Mas a familia, desconfiada do caso, pôde evitar a tempo a tolice do pequeno.

Bom seria que fosse tomando juizinho na cabeça, para evitar os constantes desgostos que vae dando a seu honrado pae!

SEDUÇÃO?

A requisição de Manuel Gaspar de Carvalho, foram detidos no logar de Requeiro, d'este concelho, Manuel Maria Tavares, casado, e Rosa Candida Ferreira, solteira, ambos d'ali. São accusados de terem retido debaixo da sua guarda, a septuagenaria Maria de Jesus, viuva, natural de Braga e sogra do queixoso.

Queixa-se ainda aquelle sr. da falta de alguns objectos, desconhecendo que a velhota, de conveniencia com os dois, lh'os tivesse levado.

Mas nós, informados do caso com quem de perto tem privado com todos elles, sabemos que o mobil d'aquillo tudo, foi outra coisa.

A velhota ficou universal herdeira de um seu filho, fallecido ha tempo, e que lhe deixou uma boa fortuna.

Esta doou a terça de seus bens ao genro queixoso, e como este tinha receio que ella revogue a mesma terça, não a deixa, não a larga, nem á mão de Deus Padre, como vulgarmente se diz. Parece que os outros filhos, residentes em Braga e com quem este anda em questão, sabedores d'isto, e sendo informados de que a mãe não é tratada convenientemente, pediram aos detidos para a acompanharem a Braga. Estes, ou por amizade com elles, ou por caridade com a pobre velha, accederam ao pedido, o que lhe tem acarretado sérios amargos de bocca. Esta foi encontrada pela policia, na Taipa, em casa de Manuel Simões de Carvalho, que ali a tinha recolhida a pedido dos dois.

Caso engraçado

Dizem de Taboa o seguinte: Ha dias n'uma igreja d'este concelho deu-se um caso de veras engraçado.

O parcho da freguezia, á missa conventual, leu um officio do escrivão de fazenda prevenindo os carreiros que ainda não tinham tirado licença para a tirarem n'um praso qualquer.

Acabada a leitura e como prevenião, disse o ecclesiastico ao auditorio: «Os que ainda não tiraram licença vão tiral-a, que o escrivão de fazenda é mau e não os multa só se não puder.»

E continuou dizendo a missa. Mas começou então a lembrar-se das palavras que proferira e todo elle tremeu de susto por ter chamado áquelle funcionario mau!

Oh Deus do céu! que dissera elle, que podia ser chamado a uma policia, e via-se já no banco dos réus, accusado pelo léro escrivão, e a largar, o que era mais, aquellas dezenas de mil réis!

Imagine-se com que pressa elle emborcou o calix e engrolou o resto do latim!

Acabada a cerimonia, e antes que os fieis se levantassem, exclamou com expressão de manifesto susto:

«Eu quando ha pouco disse que o escrivão de fazenda era mau, queria dizer que cumpria as suas obrigações, que era zeloso... que era bom funcionario... Eu retiro, eu retiro o que disse... é o mesmo que se não tivesse dito.»

Uma gargalhada, franca, geral, unisona souo por toda a igreja ao terminarem estas palavras, dignas do grande homem que pela occasião da peste no Porto dizia que onde disse que disse, digo que disse que não disse.

Mercado de Avelro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Table with 2 columns: Item and Price. Items include Feijão branco, encarnado, manteiga, amarelo, mistura, caraça, frade, Milho branco, amarelo, Trigo gallego, tremez, Batatas, and Ovos.

A PORTUGAL

Das façanhas e glorias passadas, Não te resta a saudade e o amor? A's conquistas, com sangue regadas, Nem tu proprio já dás o valor?

Vive ainda, contudo, a memoria, Que os despresos não podem levar, Dos teus dias brilhantes de gloria Para o mundo futuro espantar.

Quando tu derrotavas na guerra Os Malaios, os Persas, os Chins, Ai! então foi teu nome, da terra Resoar nos remotos confins!

Mas que importa? se o tempo consome Pergaminhos, grandezas, brazões, Não deshonre a miseria o teu nome; Desce á campa ensinando as nações;

Amortalha-te honrada pobreza; Mostra ainda por ultima vez Que, depois de passada a grandeza, Cae sem mancha o pendão portuguez.

F. Gomes de Amorim.

Assim como não é permittido o direito de fazer mal, de assassinar ou de roubar, devemos tambem prohibir que seitas religiosas envenenem a alma das creanças.

ZOLA.

Moda Universal — Numero do Natal

Já anda em distribuição o numero da Moda referido ao corrente mez de dezembro. A pagina da frente traz uma esplendida toilette de noiva, coisa chic a valer, reproduz ainda tres figurinos de saias, corpos, blouses, casacos, lindos como os amores.

Na pagina 2 vem uma avalanche de desenhos, destacando-se os seguintes modelos: corpo «bébé», meio decotado; mangas de diversos gostos; saias de baixo com grande ou pequena cauda; casacos de inverno acertoados; mantos acertoados para creanças; vestidos para senhoras; vestidos para meninas até 9 annos, feitiço russo, blouses para senhoras; vestidinhos bébés; mantos para damas «Sortie de bal».

As paginas 3, 4, 5, 6, 7 e 8 são por igual abundantissimas de figurinos de gosto, vendo-se n'ellas tudo quanto é preciso para a estação invernos, desde a roupa branca á toilette de passeio; desde os vestidinhos de bébés ao chapéu de tom para as mamãs.

Renunciamos a fazer a contagem de todas as gravuras, porque as leitoras do nosso jornal que assignem a Moda não de ter esse cuidado. E são ellas que teem tomado parte activa na campanha a favor do esplendido jornal que tanto se está vulgarizando em todo o paiz.

A Moda Universal ainda não augmentou de preço. Custa os mesmos 480 réis por anno, devendo ser remittida esta quantia em vale ou estampilhas, dentro de carta registada para a Agencia Nacional, rua Aurea, 173, Lisboa.

Aquellas das nossas gentis leitoras que não assignarhm ainda a Moda comecem já pelo numero do Natal, porque andarão bem avisadas.

Acto humanitario

O sr. João dos Santos Silva, capitão da nossa marinha mercante, distribue pelo Natal, aos pobres das duas freguezias, um bôdo, que constará de carne de vacca, arroz, toucinho, pão e 50 réis em dinheiro.

Assiste á distribuição, a phylarmonica dos Bombeiros Voluntarios.

A fé é a primeira das virtudes theologaes que nos força a engulir, sem discussão, todas as patranhas com que a Igreja regala os seus fieis.

ALFREDO POLON.

Iluminação das ruas desde a sua antiguidade

(Continuação)

Estes fallots eram grandes vasos, cheios de péz, resina, e outros combustiveis; mas o modo de regular o lume era tão difficuloso, que brevemente foram substituidos pelas lanternas. Estas eram, porém, mui poucas; e d'isso se aproveitou um italiano, chamado Laudati. Em 1622, obteve um privilegio para estabelecer, não só em Paris, mas tambem nas outras cidades do reino, barracas, ou postos onde se alugavam lanternas, que qualquer podia levar, ou (pagando mais alguma coisa) com que pessoas, que d'isso viviam, os iam allumiar pelo caminho.

Laudati foi auctorizado para receber de qualquer pessoa que ia de sege, 5 soldos de aluguer de uma lanterna, por quarto d'hora, e de cada passageiro de pé 3 soldos.

Para impedir disputas sobre o tempo que se gastava, determinou-se que com cada lanterna andasse uma ampulheta bem regulada.

Poucos annos depois d'este periodo, as lanternas fixas se melhoraram e augmentaram muito. Até então tinham sido usadas só nos quatro mezes d'inverno, e desde essa epoca se accenderam durante todo o anno.

Pelo meado do seculo passado, e intendente da policia de Paris offereceu um premio á quem inventasse o melhor candeeiro de ruas que se podesse imaginar. Isto fez apparecer os candeeiros de reverbera, como lhes chamavam, e que eram pouco mais ou menos como os que se usavam em Lisboa e no Porto, e ainda em muitas outras cidades.

Os candeeiros estavam pendurados n'uma corda, passada de lado a lado da rua, ao meio d'ella, em altura tal que os carros e seges podessem passar por baixo. Em Londres, sahio um decreto, no anno de 1668, para que os habitantes pendurassem lanternas diante das casas; e em 1690 se reforçou esta medida mandando-se a todos os logistas que pozessem uma luz de fóra da porta, todas as noites, desde o S. Miguel até os fins de janeiro, accendendo-as ao anoitecer e tirando-as á meia noite.

(Continúa).

O OCCIDENTE

Eis o summario do n.º 862 do Occidente, que publica as seguintes gravuras do maior interesse da actualidade: retrato do dr. Prudente de Moraes, ex-presidente da republica brasileira, fallecido no dia 3 do corrente; retratos de Bernardo de Passos; Gabriel Pereira, novo inspector da Bibliotheca Publica e dr. Xavier da Cunha, novo director da mesma bibliotheca; el-rei D. Carlos em Inglaterra, encontro de el rei D. Carlos com Eduardo VII em Windsor; Alfandega da Beira e Almoarifado; Necrologia e retrato de Luiz A. Thomazini.

A parte litteraria publica os seguintes artigos: Chronica Occidental, por D. João da Camara; As nossas gravuras; Reações, revoluções e guerras civis, por D. Francisco de Noronha; Agumas noticias de archeologia, arte e historia portugueza, por Victor Ribeiro; A natureza e seus phenomenos, por Antonio A. O. Machado; O ultimo senhor de um velho solar, por Paulo Gyulai; Necrologia; Meteorologia; Publicações, etc.

Notas alegres

N'uma inspecção de recrutas: O medico—Então tu ao longe não vês nada.

O recruta—Olhe, senhor doutor, eu ao longe vejo tão pouco, que não differença d'aqui ás divisas d'aquelle cabo d'esquadra, que vae além ao fundo da cerca.

Um cliente a um medico: —Parece impossivel que ainda lhe não dêssem uma gran-cruz, doutor.

—Que quer?! Nós, os medicos, temos muitos inimigos n'este inuudo...

—E quantos não terão no outro!...

